

Implicações da escrita [2014] *

Roland Schmidt-Riese (Universidade Católica de Eichstätt)

A sociedade moderna é difícil de imaginar sem escrita. O setor mais dinâmico na atualidade é o setor informativo e este implica, em grande medida, materiais escritos. Mesmo assim, não se obtém a sensação global de que a comunicação escrita está em avance e a comunicação oral em retrocesso. A comunicação é que esteja em avance. Na escola, se ensina a escrita, mas parece que o entusiasmo das crianças para aprenderem a ler e escrever não é o mesmo de outros tempos. As crianças tem o sentido do futuro. Eles selecionam decididamente, quem sabe como, as coisas que eles vão ter que manejar sendo adultos. Poderíamos supor que a escrita está destinada a perder terreno.

Objetivo

Essas observações vem sendo muito gerais. É preciso analisar com mais detalhe a estrutura da escrita, as funções que é capaz de assumir, as implicações dela. Mesmo assim, os preliminares podem servir de ponto de partida para chegar a formular a pergunta seguinte: é que a escrita vai cubrir maior importância no futuro ou é que vai, pelo contrario, perder terreno? Não quero defender que seja essa uma pergunta inteligente. Talvez nem tenha resposta possível. Mas na verdade, pode ser ocasião de um exercício intelectual visando a averiguar a natureza da escrita e os câmbios que podem estar em curso com respeito ao funcionamento dela no momento atual. O que vai acontecer, é difícil saber nem interessa saber. Já que poderíamos, teóricamente, mudar o rumo das coisas.

História da pesquisa

Estamos entrando em terreno de luta. Ao menos historicamente, a escrita tem sido objeto de polêmicas intensas. Foi um estudo de Jack Goody e Ian Watt, de 1962/63, sobre as consequências da introdução da escrita, que provocou numerosas protestas. Científicos das áreas da antropologia e etnografia, da história, sociologia, pedagogia e psicologia se esforçaram em comprovar que a introdução da escrita não tem consequências necessárias de tipo algum. A finalidade dos trabalhos em esses campos era superar o eurocentrismo tradicional dos estudos culturais para fazer justiça a sociedades de outro tipo. Comprovar que tem muitas maneiras

* Agradeço a insistência de Sérgio Duarte para eu elaborar o presente texto, completado aqui.

diferentes de aproveitar tanto a escrita como a fala seria comprovar que a escrita era somente um meio, e que se podia chegar ao mesmo fim usando outros meios. Que era necessário insistir na fundamental igualdade de fala e escrita para superar posições da época colonial.

Na mesma década dos 60, surgiu dentro da lingüística o interesse pela língua falada por diversos grupos, e até preferentemente por grupos marginalizados, afastados da escrita. Surgiu a sociolingüística. Foi abandonado, pelo menos em parte, o estudo das estruturas lingüísticas para investigar o funcionamento da linguagem em contextos de atuação. A sociolingüística constatou que as formas atualmente usadas na fala divergiam em grau considerável das formas usuais na escrita, as únicas consideradas pela lingüística até ao momento, as únicas consideradas legítimas pelas elites. Certamente, a dialectologia sempre manteve essa consciência da diversidade das formas da fala. Mas a dialectologia não permanecia no ordem do dia. A sociolingüística é que introduziu novamente a consciência da diversidade.

Ao mesmo tempo, a sociolingüística era um projeto de fazer justiça aos marginados: constatando que de fato as formas lingüísticas usadas pelos grupos não privilegiados constituíam um subconjunto do total das formas da língua, podia se argumentar que esse subconjunto era perfeitamente adaptado às circunstâncias de uso daqueles falantes, já que cooperava com outros recursos semióticos, com o entorno físico e social, que até tinha suas próprias regularidades, diferentes das regularidades de escrita. A fala afastada da escrita constituía, em esse sentido, uma outra língua, uma outra legitimidade.

Posicionamento

Não é possível não concordar plenamente com esse gesto democrático e emancipador, tanto da antropologia como da sociolingüística. Até mesmo estou convencido que as pesquisas realizadas em aquela década ajudaram para nos termos hoje uma imagen menos preconceituosa da sociedade e das diferenças culturais. Mas tem que se dizer que as posições referidas não foram as únicas articuladas. Precisamente o mesmo espíritu libertador levou a posicionamentos exactamente opostos, reclamando um acesso pleno aos recursos da escrita para os grupos ou comunidades lingüísticas que tinham até ao momento somente um acesso limitado.

Também concordo ainda com dizer que a escrita é um meio, e que os efeitos que produz dependem do uso que se faz dele, não do meio em si. Só que os meios – os meios técnicos como a escrita – estão destinados a determinados fins, se inventam considerando esses fins, e

que a estrutura interna deles corresponde, no caso de funcionarem, à finalidade avisada. Vamos dizer instrumento em vez de meio e vamos considerar o exemplo da faca. A faca é para cortar, mas pode se usar para outras finalidades. Pode se usar em vez de garfo, quando não tiver garfo à mão ou se tiver essa preferência por estilo. A colher é excelente para enrolar spaghetti, mas não foi inventada para este fim. A colher também serve para cortar, quando não tiver faca. Isso não impede que para cortar, a faca é ótima.

Funcionalidade da escrita

Os meios estão destinados a fins preestabelecidos e serão normalmente usados para esses fins. Daí, conhecendo os fins, o uso que se faz dos meios é até certo ponto predizível, inclusive, se bem em menor medida, o efeito que esse uso vai ter. O meio pode também ser usado para fins não imaginado no início. Mas se o novo uso se faz constante, o normal seria que o meio evolua a sua vez. A escrita é um meio tão simples e essencial que permite um número infinito de usos. Os usos da escrita evoluem, até ao presente. Mesmo assim, a escrita tem um funcionamento próprio e uma finalidade básica. Desvincular o comunicado da situação de fala.

Desvincular o comunicado da situação de fala (para ser mais exatos, o enunciado da produção do enunciado) é desvincula-lo do tempo e do lugar da enunciação. Eu entendo que o aspecto mais relevante é a desvinculação do tempo. Mesmo assim, tem que se reconhecer que nos meios de comunicação mais recentes, nas mensagens eletrônicas e nas redes sociais, se trata de obter exclusivamente a desvinculação do lugar, não do tempo. Em esses meios eletrônicos, produção e a recepção da mensagem aproximam da simultaneidade, quase como na situação de fala. Mas este é um uso novo que vamos considerar no final. De maneira tradicional, a escrita supera tempo e lugar no mesmo ato. Superar o tempo, poderia se dizer, da liberdade de lugar, já que o tempo é a condição do movimento no espaço, condição da viagem que permite chegar até destinatários desconhecidos.

Estrutura da escrita

A base da escrita é a materialidade. Averiguando a estrutura dela, poderíamos dizer que a escrita consiste em uma sequência de signos convencionais efetuados num material qualquer com a mão ou qualquer objeto apontado, ou bem, é a técnica de efetuar tais sequências. Os signos podem manter diversas relações com a linguagem, podem se referir às dimensões fônica ou conceitual, mas este não é o problema agora. A materialidade da escrita é a condição da permanência do comunicado, a razão de sua resistência ao tempo e de sua capacidade de viajar. Também abre a possibilidade da cópia, da multiplicação. A resistência da escrita ao tempo,

intencionada, é a condição que obedece a um interesse de atesouramento da informação. O comunicado fica atesourado até ao momento de ser levado em conta ou até ao momento de o material ser destruído, de a base material da escrita não mais resistir. O incêndio, o terremoto. Além disso, desde o momento em que a comunicação adota um movimento reflexivo, que o atesouramento é para si, a nível individual ou de sociedade, a escrita assume a função de memória externa. O papel com as notas das coisas que tenho que lembrar, os arquivos, as bibliotecas públicas.

Contra-argumento

Evidentemente, o critério da materialidade está se desfazendo no momento atual. No monitor, a materialidade é somente aparente. Ainda poderia se argumentar que por detrás dessa materialidade aparente do monitor (que corresponde a estados de ativação eletrônica) tem a materialidade real da memória de trabalho que certo traduz os signos tradicionais em outros sistemas semióticos, mais abstratos, mas conserva de todos modos as sequências originais em uma base ultimamente material. Também, a escrita já não se produz necessariamente com a mão. É capaz de ser produzida com base na voz articulada, sem tocar clave alguma. A (aparente) perda da materialidade da escrita corresponde a (aparente) perda da necessidade da mão. A máquina pode assumir a transferência do significante acústico para o visual.

Estamos chegando aos limites da materialidade. Contudo, considero mais importante o paradoxo da memória. As mensagens destinados a superar o lugar, mas não o tempo, eletrônicas, se produzem para uma leitura imediata e normalmente única. Não pretendem atesouramento. No entanto, ficam virtualmente atesourados para a eternidade. Bixinho não mais pode chegar. Poderia se argumentar, de fato, que superar o lugar fez parte da técnica escrita desde os inícios, e que por conseguinte este era um desenvolvimento predizível. Mas atesourar também fez parte. Não em todo momento da mesma maneira. Ou talvez, teve e tem projetos de atesouramento de alcance temporal bem diferente. Nas mensagens eletrônicas esse alcance tende a zero.

Escrita como técnica de notação

Chegados a esse ponto, é necessário distinguir entre duas acepções do termo escrita. Escrita é, por um lado, a técnica de notação de sequências lingüísticas dadas. Por outro lado, desvincula o comunicado da situação de enunciação e abre a possibilidade de atesora-lo. O desvinculamento produz a *necessidade* de organizar o comunicado em um modo diferente da fala, já que é preciso substituir a perda das contribuições semânticas que radicam no contexto. A possibilidade do

atesoramento ainda produz o *desejo* de organizar o comunicado em um modo diferente para que o comunicado seja atrativo, e porque a linguagem constitui um campo de experimentação do pensamento, o qual induz uma modificação da linguagem, igualmente experimental.

Necessidade e desejo levam ao desenvolvimento de estruturas lingüísticas novas, adequadas ao desvinculamento e atesouramento. Logo, a escrita corresponde, segunda acepção, ao inventário dessas estruturas, dos procedimentos lingüísticos associados com a técnica gráfica. Ou seja, a linguagem escrita.

Técnicas fônica e gráfica

Procedimentos associados com a técnica gráfica, mais não ligados a ela. Os mesmos procedimentos *podem* se aplicar na fala. Na lingüística românica na Alemanha é acostumado distinguir, quando de fala e escrita se tratar, entre o tipo de realização, isso é, entre as técnicas fônica e gráfica, por um lado, e por outro, entre os tipos de verbalização, que podem ser ou mais próprios da fala ou mais da escrita. Quando a primeira distinção é de ordem dicotômica – o comunicado é realizado seja ao modo fônico, seja ao gráfico, a segunda distinção é gradual. O tipo da linguagem pode ser mais ou menos apropriado a fala, mais ou menos apropriado a escrita. Para já não confundir esses dois aspectos, Peter Koch e Wulf Oesterreicher reservaram os termos gráfico/fônico para a primeira distinção, e criaram para a segunda os termos de linguagem do imediato/linguagem da distância. Cada um desses linguagens, graduados, é ótimo nas correspondentes situações comunicativas, sejam afins ao diário imediato, sejam afins a uma máxima distância comunicativa.

É importante ver que as categorias do imediato e da distância são independentes da distinção gráfico/fônico. Daí, um mesmo comunicado pode passar sem problema de um tipo de realização para outro. O comunicado fônico pode se anotar, o comunicado gráfico pode se ler em voz alta. Essas passagens são inclusive habituais em certos tipos de comunicação. Era normal ler uma conferência acadêmica. Era normal tomar notas escutando essa mesma conferência. A distância comunicativa prefere a escrita, o imediato prefere a fala, sem que essas preferências sejam rigorosas. Posso deixar uma nota em casa em vez de ligar mais tarde. Posso ligar em vez de escrever mensagem. As preferências não são rigorosas, mas bem fundadas com respeito aos fins comunicativos que se perseguem.

Sociedades ágrafas

Considerando sociedades ágrafas, como as sociedades indígenas tradicionais, estas tem evidentemente um âmbito de distância comunicativa. Este âmbito poderia estar ligado a

práticas míticas, religiosas, jurídicas, médicas, literárias ou outras. A escrita não é condição necessária da distância comunicativa. Assim mesmo, a língua usada pela sociedade ágrafa dispõe de recursos lingüísticos diferenciados, uns adaptados ao imedito, à comunicação diária, outros adaptados à distância, à comunicação pública e formal.

Autonomização

A escrita, no entanto, mesmo não sendo condição da distância, licencia um outro tipo de desenvolvimento da distância. Isto é inevitavelmente assim, porque a escrita tira o comunicado da enunciação e confere a ele uma existência autônoma. A materialização do comunicado corresponde à autonomização. Faz do comunicado um objeto. Tanto como o autor pode revisar e mudar quantas vezes quiser seu texto já escrito, o leitor pode revisar e voltar a ler passagens lidas ou saltar passagens sem ler. O comunicado fica subtraído ao tempo, à simultaneidade de produção e recepção. Daí, a mesma produção e a mesma recepção ficam internamente subtraídas ao tempo, podem ser não contínuas. Escrevo ou leio um mesmo texto os momentos que eu puder ou quiser.

Reflexão metalingüística

A condição autônoma, a objetivação do texto facilita distinguir entre a forma e o conteúdo do enunciado. O texto se apresentando como um objeto, o leitor pode orientar sua atenção à vontade para focar o nível da representação ou da organização lingüística que quiser. Não assim na fala, já que o ouvinte do comunicado oral tem que processar os vários níveis da organização, fonético, fonológico, léxico, morfológico, sintático e pragmático todos a um mesmo tempo. Não pode reparar nas formas do nível que seja, porque a produção continua e quando acabar, tem que ter processado o conteúdo para poder responder. Evidentemente, também a atividade metalingüística não requer a escrita em sentido de uma condição necessária. Mas a escrita constitui uma vantagem. Gramática quer dizer escrita, mais ou menos, e parece que as culturas que desenvolveram teorias gramaticais, um sistema de descrição lingüística, obtiveram primeiro a escrita. Ainda, a reflexão metalingüística, a reflexão sobre a linguagem, pode servir de fundamento para outros tipos de reflexão, é essencial em termos de filosofia. A escrita opera como um espelho. Oferece uma margem oposta para a reflexividade.

Escrita e gramática

A relação entre gramática e escrita é estreita, e não somente em termos etimológicos. Não somente a escrita suministra uma base documental sobre a qual exercer gramática, mas a gramática, pelo menos em seus inícios, ensinou o modo correto de escrever. Descrevendo a

escrita, incidiu sobre a escrita, já que a língua que a gramática descreve, é a língua escrita, a da sua base documental. O círculo fecha. Até ao presente, é difícil escrever uma gramática da língua falada, porque a língua falada dispõe de um número de variantes e recursos muito elevado. A escrita, pelo contrário, autoriza a seleção de variantes e a gramática, em termos tradicionais, canoniza essa seleção. O nosso conceito de língua é facilmente o conceito da língua escrita canonizada.

Representação de uma representação

Escrita e linguagem. Aristoteles considera que a voz representa o pensamento e que a escrita representa a voz ou, pelo menos, é o que se acredita normalmente que Aristoteles considerava. A escrita seria representação de uma representação. Representaria por conseguinte o pensamento somente de maneira indireta, representando de maneira direta a voz. Estaria mais afastada do pensamento do que a voz, implicando o risco adicional de mal representar a voz, quando essa representava mal o pensamento.

Vamos supor um momento que isto seja de fato assim, que a escrita representava a voz. Quais os argumentos que poderiam sustentar essa hipótese? Entender a escrita como uma representação secundária corresponde em certo modo ao desenvolvimento histórico de ambas as técnicas: é infinitamente mais antiga a linguagem, podemos supor que tem 100.000 anos de idade. A escrita tem, dependendo do critério, uns quatro ou cinco mil anos. Ainda apoia a prioridade da fala sobre a escrita o fato de que a imensa maioria dos atos comunicativos da humanidade se realizam, ainda na atualidade, na língua falada. Desse modo, em termos da evolução e em termos quantitativos, a prioridade da fala sobre a escrita parece ser indubitável. Podem se fazer duas objeções.

Grafê e fonê

A primeira objeção é de ordem histórica (ou pre-histórica). Os mais antigos vestígios da capacidade humana de formar signos deviam ser de ordem gráfica. A criação de signos adquiriu mediante a invenção da linguagem um área de expansão imenso, mas é anterior a essa expansão. A capacidade de formar signos não depende dos órgãos vocálicos, evidentemente. A via mais simples para formar signos é formar signos com a mão. Tem gravados humanos num crânio de urso de 430.000 anos atrás. Isso não é escritura, evidentemente, mas é significante gráfico. Poderíamos chamar, com Peter Koch, *grafê* a formação de signos no meio gráfico e *fonê* a formação de signos com os órgãos vocálicos. Tem diferentes tipos de grito que não classificaríamos como linguagem. Assim, ambas as técnicas, grafê y fonê, seriam anteriores à

linguagem. Mas é no meio fônico que a linguagem se desenvolve. Também a grafê evolui. A linguagem e as representações gráficas coexistem durante largo tempo, de maneira independente um do outro. A escrita surge no momento em que a linguagem entra em contato com o meio gráfico, em que a linguagem muda de lado, passa do âmbito fônico ao gráfico.

Objeição segunda. Tem sistemas de escrita anteriores a escrita alfabética. No momento de contato entre linguagem e grafê, não é a vertente fônica da linguagem que se representa, mas é primeiro a vertente dos conceitos. Contudo, os sistemas pictográficos podem se considerar escrita na medida em que permitem efetuar sequências de signos convencionais. O pictograma está ligado diretamente com o conceito sem intermediação da voz. O conceito está ligado, também, com uma sequência fônica. Mas os pictogramas representam os conceitos diretamente. A voz não é precisa. Temos aqui evidência ao contrário da interpretação da escrita como representação secundária. A escrita pode representar os conceitos em direto.

Leitura

Tem uma transição lenta entre escrita conceitual e escrita fônica. Tem sistemas mixtos. Certamente, as crianças, quando aprenderem a ler na escola, leem em voz alta. Eles passam cada uma das letras do alfabeto para seu valor fônico e assim constroem a forma fônica das palavras. Mas adulto não lee desse modo. O adulto acostumado à leitura não passa nem letras nem palavras para uma representação fônica nem imaginada. Reconhece as palavras pela imagem que juntas formam as letras que a constituem, sobre a base de hipóteses de probabilidades de colocação. Lendo, o adulto reconhece imagens. A vertente fônica da linguagem fica excluída da representação. É possível aceder diretamente das formas gráficas a vertente conceitual. Novamente, a voz está fora, como na escrita pictográfica.

Será que Aristoteles não entendeu? Leituras mais recentes chegam à conclusão de que Aristoteles entendeu bem. Que da escrita se podia de fato aceder diretamente aos conceitos empacotados nas vozes, sem desvio pelas vozes. É bem provável isso, visto que nos inícios da gramática ocidental e para largo tempo, até ao mesmo Renascimento, tem uma união íntima entre a letra e o somido representado. A letra *A* e o somido [a] são duas representações de uma mesma realidade subjacente, de um mesmo ser. Esta identidade comum, mas não diretamente acessível desde a letra nem desde o somido é representada místicamente pelo nome da letra, que é, no caso do *A*, novamente [a]. A identidade (triangular) de letra e somido (no ponto místico de

encontro) é uma idéia estranha para nós, mas oferece a possibilidade de imaginar um acesso de igual direito aos conceitos desde ambas vertentes.

Escrita e burguesia

Primeiro de comprovar as implicações da escrita investigadas até ao momento nos meios mais recentes de comunicação, será esclarecedor dissenhar uma perspectiva histórica mínima sobre o que ocorre no momento presente. Na primeira Idade Média, a escrita estava estreitamente ligada com a língua de cultura escrita, o latim, e estava sensivelmente limitado ao âmbito monástico, sustentando a permanência e a reprodução, o estudo e o comentario de um corpus limitado de textos valorizados. Já o ascenso das cidades no século XII, com ponto culminante no XIII, corresponde a uma primeira época de expansão da classe burguesa que se apodera até certo ponto já neste sua etapa inicial da escrita, em este primeiro momento para fins administrativos. A invenção da imprensa e o Renascimento marcam uma segunda época de apoderamento. A cultura escrita se abre para novos grupos sociais, de classes não privilegiadas. A terceira época de expansão corresponde ao século XIX, marcado pela Revolução Francesa. Este século não somente ve a burguesia finalmente alcançar o poder, o quase, mas também ve se estabilizar a escolaridade obrigatória, proposta desde finais do XVI. As tres etapas correspondem de fato, ao mesmo tempo, às épocas de fundação de outra instituição eminentemente burguesa e eminentemente relacionada com a escrita, a universidade. Uma quarta etapa de expansão da escrita e da universidade, no nivel mundial, corresponde ao último tércio do século XX.

Presente

E no presente? Vale a pena ainda aprender a ler e escrever ou já não? Foram introduzidos num primeiro momento, desde finais do século XIX, aproximadamente em este ordem, o telefone, o disco, o filme, a radio e a televisão. O disco comparte com telefone e radio a limitação ao meio acústico. Disco e radio aproveitam este meio para introduzir de preferência sinais não lingüísticos, ou música ou barulho. O telefone ao contrário guía o meio acústico quase inteiramente para a representação linguística. Considerados metáforas de uma situação de fala, telefone, disco e radio desvinculam o comunicado dessa situação. O telefone ao contrario mantém a sincronia de produção e recepção, a unidade do tempo, somente desvincula do lugar.

Telefone, disco e radio parecem chegar ao limite de suas possibilidades de expansão. Dizer que entraram em declive talvez fosse dizer muito. Filme e televisão, pelo contrario, antes estão em avance ainda. Podem se interpretar como metáforas da novela e de outras formas da escrita como o jornal. Compartem a visualidade com o teatro, sem dúvida, desvinculando essa

visibilidade do tempo e das limitações do lugar. Mas em termos quantitativos, compitem antes que com o teatro com a novela. Considero que filme e televisão estão em avance sobre formas escritas de informação e imaginação. Até poderia se dizer sobre formas lingüísticas, na medida em que filme e televisão incluem linguagem e imagem, enquanto que a novela foi toda lingüística. A escrita é um filtro que isola a linguagem. As mensagens e a literatura orais na Idade Média foram representados numa situação formalizada. Mais tinham de teatro que de novela ou jornal. Esse isolamento da linguagem na escrita é posterior a Idade Média, mas anterior ao presente.

Os meios clássicos de comunicação moderna que não avançam mais (telefone, disco, radio) não restaram terreno à escrita. Os que sempre restam terreno à escrita (filme, televisão), ainda avançam. Quando nos primeiros, mas sobre tudo no telefone, ocorre uma quase limitação ao repertório lingüístico, televisão e filme complementam os comunicados lingüísticos por outros visuais. Não restam terreno somente à escrita, mas à linguagem.

Escrita falada

Entre os meios mais recentes de comunicação, a escrita faz sem dúvida uma nova entrada. Uma parte considerável da internet está constituída por textos, substituindo bibliotecas públicas e privadas, e o correio. O telefone ganhou concorrentes por dois lados. Por um lado, tem as mensagens eletrônicas, as redes sociais. Por outro, Skype. Skype restitui além da prosodia, rescatada já no telefone, ainda os contextos mímicos e gestuais da produção lingüística. Desconfia da linguagem. Os primeiros, mensagens e redes, constituem de fato um novo terreno da escrita, mas não da cultura escrita. Os conteúdos estão normalmente imbricados na vida diária. A penas sustentam a reflexividade. Ao mesmo tempo, economia e velocidade da interação requerem desistir da possibilidade de correção. Assim, o modo de produção lingüística aproxima o modo de produção falada, que se define pela (quase) simultaneidade de configuração mental e fonetização do enunciado. Se aproximam ainda da fala pela (quase) simultaneidade de produção e recepção.

A escrita é usada nesses novos meios para salvar distâncias físicas, mas não para ganhar um distanciamento reflexivo com respeito à própria produção lingüística. A escrita tem função comunicativa, não cultural. A escrita é usada desistindo das possibilidades de distanciamento que oferece. Em vez de transcender a situação enunciativa, a mensagem procura se restituir uma situação compartilhada. Mesmo usando, desconfia da escrita. E da linguagem.

Fim

Desconheço as razões dessa desconfiança. Talvez a confiança que tínhamos antes fora muita e não levou a processos desejáveis. Não acho que o mundo vai parar nem virar para um rumo oposto ao atual, encaminhado. A escrita é mais antiga do que o imaginário burguês e mesmo que conheceu um desenvolvimento singular nesses últimos oitocentos anos, não vai desaparecer, mesmo que a burguesia desapareça. Que a escrita perda transcendência, eu vejo difícil que não. Vai perder, na sociedade em geral, com respeito às implicações tradicionais dela. Vai se manter, ao mesmo tempo, em pleno sentido reflexivo, em monastérios virtuais.

REFERENCIAS

- Derrida, Jacques 1967. *De la grammatologie*, Paris: Éditions de Minuit.
- Dürscheid, Christa 2003. „Medienkommunikation im Kontinuum von Mündlichkeit und Schriftlichkeit. Theoretische und empirische Probleme“, *Zeitschrift für angewandte Linguistik* 38, 1–20.
- Ehlich, Konrad 1994. „Funktion und Struktur schriftlicher Kommunikation“, in: Günther/Ludwig 1994 (vol. 1), 18–40.
- Goody, Jack/Watt, Ian 1962/63. „The consequences of literacy“, *Comparative Studies in Society and History* 5, 304–345.
- Günther, Hartmut/Ludwig, Otto eds. 1994/96. *Schrift und Schriftlichkeit. Writing and its use*. 2 vols., Berlin/New York: Mouton de Gruyter (= HSK 10.1/2).
- Klinkenberg, Jean-Marie 2005. „Vers une typologie générale des fonctions de l'écriture. De la linéarité à la spatialité“, *Académie royale de Belgique. Bulletin de la classe des lettres et des sciences morales et politiques* 16.1–6, 157–196.
- Klinkenberg, Jean-Marie 2014. „Entre servitude et autonomie. Quelle place pour l'écriture dans les sciences du langage ?“, *IV. Congrès Mondial de Linguistique Française. Conférences plénières*, 45–64. <http://www.shs-conferences.org/articles/shsconf/pdf/2014/05/shsconf_cmlf14_01397.pdf>
- Koch, Peter 1997. „Graphé. Ihre Entwicklung zur Schrift, zum Kalkül und zur Liste“, in: Koch/Krämer 1997, 43–81.
- Koch, Peter/Krämer, Sybille eds. 1997. *Schrift, Medien, Kognition. Über die Exteriorisierung des Geistes*, Tübingen: Stauffenburg.
- Koch, Peter/Oesterreicher, Wulf 1986. „Sprache der Nähe – Sprache der Distanz. Mündlichkeit und Schriftlichkeit im Spannungsfeld von Sprachtheorie und Sprachgeschichte“ *Romanistisches Jahrbuch* 36 (1985), 15–43.
- Koch, Peter/Oesterreicher, Wulf 2007. *Lengua hablada en la Romania. Español – francés – italiano*, Madrid: Gredos.

- Rabasa, José 1993. „Writing and evangelization in sixteenth-century Mexico“, in: Jerry M. Williams/Robert E. Lewis eds., *Early images of the Americas. Transfer and invention*, Tucson: Arizona UP, 65–92.
- Raible, Wolfgang 1994. „Orality and literacy“, in: Günther/Ludwig 1994 (vol. 1), 1–17.
- Schlieben-Lange, Brigitte 1994. „Geschichte der Reflexion über Schrift und Schriftlichkeit“, in: Günther/Ludwig 1994 (vol. 1), 102–121.
- Schlieben-Lange, Brigitte ed. 1997. *Verschriftlichung*, Stuttgart etc.: Metzler [= *Zeitschrift für Literaturwissenschaft und Linguistik* 108].
- Schmidt-Riese, Roland/Wimböck, Gabriele 2010. „Catecismos pictóricos, imágenes o textos? Comparando el manuscrito Egerton con la escuela de Pedro de Gante“, in: Roland Schmidt-Riese ed., *Catequesis y derecho en la América colonial*, Frankfurt a.M.: Vervuert/Madrid: Iberoamericana, 73–96.